

Pelo seu desempenho, disciplina, no campo de batalha com bravura, o Duque de Caxias descortina como grande soldado, sem censura.

Invicto pelas lutas que domina, o Pacificador mantém postura, gentil, Herói da Pátria é sua sina, na História Militar se configura.

Senador e Ministro foi também, pelo Império saiu-se muito bem, conservou na política o perfil.

A Monarquia muito defendeu, a sua espada sempre ofereceu, do Exército, é Patrono varonil!

Abílio Kac, O Pacificador.

Longe, Itaipu vigia. É sentinela insone, atenta à prontidão do instante. Do seu ninho de rochas, se desvela guardando as costas de um país gigante!

Alvas guaritas o luar revela, beijadas pelo mar meigo e cantante... Tranquilidade suave de aquarela, ninando o berço de um Brasil confiante!

Itaipu, teu silêncio é como um grito, que avança pelos rumos do infinito, num alerta de paz e segurança!

Grito verde e amarelo... que abençoa! Um eco do Ipiranga que inda soa, expandindo as fronteiras da Esperança!

Carolina Ramos, Fortaleza do Itaipu.

Quando vem poesia, ela me constrói. Muitas vezes ela machuca e dói, noutras consolando-me acaricia... Nutre-me a vida e a inspiração recria

compondo um repertório, meu herói inusitado tem dom que corrói a injustiça e, traz níveis de harmonia que acende uma lua cheia no dia...

Poesia é sangue puro, minha vida celebra! Meu pensamento engravada... Sou do mar arquipélago (não ilha)

oculto de olhos vis, senha escondida nas pedras do rio, indicando a trilha poética, só por Deus assistida.

Dinair Leite, Caminho das pedras.

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVIII, Nº 08 – 2014 AGOSTO

Assinatura até 31.12.14: 04 selos postais de 1º Porte Nacional Não comercial (R\$ 0,85).

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ www.haiku.sf.nom.br ☀

Preciso de um tempo | para curar gânglios | no coágulo do poema sentir | preciso de maneira simples no ir-se das horas | medir a pressão do verso a pendência da cura | preciso de um chá de rima

Maira Knop, Sintomas, Coletânea Joaquim Moncks & Amigos 2011 – www.estantevirtual.com.br

Antologia em verso e prosa, Centro de Literatura do Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana, 2014.

Nas borrascas desta vida, querendo ao porto chegar é no amor da mãe querida que abrigo vou encontrar.

Angélica Villela Santos, 0908, Trinos do Pitiguari: R. Guanabara 542 59014-180 – Natal/RN

Sempre que em tua passagem sentires da rosa o odor, sou eu que mando na aragem um pensamento de amor...

Amélia Tomás

Velha Itália, sempre bela, não tens idade aparente. Desfilas na passarela como eterna adolescente.

Dorothy Jansson, 1406 Binóculo ivonildodias@secrel.com.br jbatista@unifor.br

Que importa você me fale ter mulheres a valer? Eu tenho uma só, mas vale pelas que você diz ter.

Carlos Guimarães

Saia rodada, curtinha, um palmo de comprimento e a macacada todinha esperando um pé de vento.

Fernando Cruz, 0708 Trovaregre Pça. Sen. José Bento 162, Ap 301 37550-000 – Pouso Alegre, MG

Renúncia, medida extrema que tomamos certo dia... Hoje a saudade blasfema contra a nossa covardia!

Lourdes Strozzi

Às vezes me desespero, e penso: – “Se eu trabalhasse...!” Mas deito na rede e espero que o meu pensamento passe!!!

Izo Goldmann, 0008 Fanal: Rua Álvares Machado 22, 1º 01501-030 – São Paulo/SP

A vitória nos amores tem foros equivocados: ou serão dois vencedores, ou, então, dois derrotados...

Newton Meyer

Roubaram quase um milhão de um determinado banco... Mas o ladrão mais ladrão usa colarinho branco!

João Batista Serra, 1108 O Patusco: Caixa Postal 95 61600-970 – Caucaia/CE

De gota em gota, pingando, sem ver que a chuva parou, goteira é a casa chorando porque você não voltou...

Rubens de Castro

Península iluminada lá de cima, lá do espaço, bela Itália não sei nada, mas aqui vai meu abraço.

Manoel F. Menendez

Circo novo na cidade! No poleiro, a dar risada, olhem lá minha saudade no meio da garotada!

Waldir Neves

Trovia 1008 – Antônio Augusto de Assis – alkaulu77@gmail.com

Trovia 1008 – Antônio Augusto de Assis – alkaulu77@gmail.com

Trovia 1008 – Antônio Augusto de Assis – alkaulu77@gmail.com

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.08.14, enviar até 3 haicus de quigos Dia da Alfabetização, Flor de goiabeira, Dia tépido.
Até o dia 30.09.14, enviar até 3 haicus de quigos Flor de chuchu, Lambari, Panetone.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82.
05010-040 - São Paulo, SP.

ou: mfmendez@superig.com.br

3. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

QUIDAIS DE INVERNO

Ventinho gelado, a frente fria chegou e mudou o tempo.
Argemira F. Marcondes

Pousado no galho pássaro cantando. Suinã em flor.
Cecy Tupinambá Ulihoa

Cena campestre: boas-frias na labuta. Corte de cana.
Darly O. Barros

Longe da janela o gato dorme enrolado. Tarde de frio.
Dorotéia Iantas Miskalo

TEMAS DO INVERNO

Com relutância, provou e gostou. Pitanga.
Flávio Ferreira

Ah!... Inconfundível! vem de longe o perfume – benjoeiro em flor!
Iraí Verdan

Noite gélida. A moça da bota vermelha, de perna roxa.
Sérgio Baldan



HAICUS BRASILE

Folhas espalhadas e o friozinho gostoso pampeiro passou. F
Alba Christina

Um frio cortante no sopro do minuano pedindo lareira.
Alba Christina

Na verde campina o gaúcho se agasalha. Pampeiro chegando. B
Angélica Villela Santos

Na boate cheia, chega a hora do pendura. Dia do Advogado. J
Antonio Cabral

Para o trabalho seguem gaúchos, enfrentam o pampeiro. J
Manoel F. Menendez

Programa de rádio, cedinho faz homenagem. Dia do Advogado. F
Marilena Budel

Vários urubus se reúnem um a um na praia vazia. J
Renata Paccola

No fórum vazio nada expediente Dia do Advogado. J
Alba Christina

O Brasil em festa homenagem o Soldado num dia especial.
Alba Christina

O urubu faminto vai bicando em meio ao lixo. Choças na favela. C
Angélica Villela Santos

Sob o azul celeste, urubu voando baixo: escassez à vista. J
Antonio Cabral

Como se emplumadas banhista despreocupado. folhas da poinsetia.
Manoel F. Menendez

No meio da tarde – barulho no viveiro. Pousa um urubu. J
Marilena Budel

Um garoto afoito chupa uma nêspera verde: sabor puxa-puxa.
Renata Paccola

Urubus voando peixes deixados na praia mais poluição. J
Alba Christina

Tempo seco, azul. Na vaquejada distante olhos do peão.
Alba Christina

Tem festa na Ordem. Muita gente se abraçando. Dia do Advogado. J
Angélica Villela Santos

Alunos procuram restaurantes funcionando. Dia do Advogado. F
Manoel F. Menendez

Cação assustado banhista despreocupado. Carreira pra praia.
Manoel F. Menendez

Bando de urubus em torno de uma carniça disputa pedaços. C
Renata Paccola

Enfeitando o bife tempero com alecrim. Sabor refinado.
Renata Paccola

Um aroma estranho de repente entra na sala. Vaso de alecrim.
Alba Christina

Campos ressequidos e o urubu, voando em círculo, pousa na carniça. A
Amália Marie Gerda

Dia do Soldado lembra heróis vivos e mortos. Festa no quartel.
Angélica Villela Santos

Urubus em círculos descendo com rapidez. A garoa aumenta. J
Manoel F. Menendez

Sopro pampeiro interrompe o sono. Bate a janela. C
Marilena Budel

Estudantes reunidos penduram a conta. F
Renata Paccola

Árvore desnuda. Folhas secas vão caindo e estalam nos pés.
Renata Paccola

O N A S C I M E N T O D A C R Ô N I C A

Machado de Assis, Crônicas escolhidas, Folha de São Paulo, 1994, Editora Ática S. A. – www.estantevirtual.com.br

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro à Petrópolis, e *la grace este rompie*; está começada a crônica. Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho

ainda que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que nao havia alfaiates, não havia squer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as

nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno, vieram as neves, os tufoes, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica: mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizi-

nhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor de tão alta prosáquia, queira

repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensa- rei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade, mais incontes- tável que achei debaixo do sol, é que ninguém se

deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: – Que calor! que sol! é de rachar passarinho! é de fazer um homem

doído!

Amos em carros! apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados

em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas e repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia? 1º/Nov./1877

Sempre que acho um programa de televisão cansativo, mudo de canal até encontrar alguma coisa interessante, boas reportagens ou musicais diferentes, hoje fiz a mesma coisa, mudei e encontrei uma reportagem que achei fantástica! o Pau-Brasil.

O seu valor pelo depoimento das pessoas foi interessante e despertou meu interesse em saber mais a seu respeito.

Definição: O pau-brasil é o nome genérico que se atribui a várias espécies de árvores do gênero *Caesalpinia echinata* presentes na região da Mata Atlântica brasileira. O nome do nosso país teve origem nesta árvore.

O pau-brasil é árvore nativa desde o descobrimento do Brasil. A cruz usada na primeira missa foi desta madeira.

Características: Uma das características mais importantes do pau-brasil: é de madeira pesada com a presença interna de um extrato que gera uma espécie de tinta vermelha (brasilina). Por ser de alta qualidade, a madeira desta árvore é muito usada na fabricação de

instrumentos musicais, como violinos, harpas e violas.

Situação na época do descobrimento do Brasil:

A presença do pau-brasil na Mata Atlântica era muito grande até o século XVI. Porém, com a chegada dos portugueses ao Brasil teve início a extração predatória do pau-brasil.

Os portugueses extraíam as madeiras para vender no mercado europeu. A madeira era transformada em móveis, enquanto o extrato era usado na produção de corante vermelho (brasilina). Além dos portugueses, os holandeses, os franceses, também exploravam a madeira através da pirataria, levando muita madeira para a Europa.

Conforme vi na reportagem, há um grupo de ambientalistas incansáveis no intuito da preservação da espécie. Naquele momento estavam no Estado da Bahia embrenhados nas fazendas à procura do pau-brasil. Numa das que vi, tinha uma grande plantação de eucaliptos, ou desmatamento para a pecuária. Tinha fazenda com

alguns pés, creio que são ornamentais.

Ao andarem pelas matas encontraram uma enorme árvore do pau-brasil, acreditam que é desde o descobrimento, pelo diâmetro mais ou menos seis metros por 20 metros de altura, os ambientalistas deram as mãos e conseguiram abraçar. Foi um destaque na missão, ficaram admirados com o achado.

Os que tem nas fazendas são como ornamentação ou souvenir.

Depois foram entrevistados 3 senhores, os quais disseram terem ido para Alemanha aperfeiçoar na fabricação de violinos. Depois os mostraram na fábrica trabalhando. Gostei de ver.

A madeira de pau-brasil é a melhor que existe na fabricação de violinos, e dizem estarem preocupados com sua extinção. Como fazer violinos para novas gerações? Comentaram.

Os ambientalistas, eu acredito que sejam engenheiros agrônomos, estão fazendo germinação e replantando, com muito entusiasmo na certeza de grandes avanços na recuperação dessa árvore tão preciosa. Era uma grande extensão de mudas, só não sei onde vão

plantar. Também pode ser um terreno próprio para esse fim.

Situação atual: Atualmente é baixa a presença do pau-brasil na mata Atlântica. Inclusive existe uma lei federal que considera crime o corte dessa madeira.

Durante a exibição do vídeo o fundo musical aparecia um músico tocando violino, este também comentou preocupado com a extinção desta árvore.

No nordeste há uma pesquisa sobre o pau-brasil das folhas até a raiz, no tratamento do câncer.

No dia 3 de maio comemore-se o Dia Nacional do Pau-brasil. É mais um conhecimento sobre as nossas riquezas. Gostei, foi mais proveitoso do que assistir certos programas de televisão de humor que tanto gosto. Eu acho que o humor precisa ser renovado, está sem criatividade.

Rio, 27/05/2013

Honorina Fonseca Louseiro, O pau-brasil – Antologia em verso e prosa, Centro de Literatura do Museu Histórico do Exército e Forte de Cpacabana, 2014.

Desde a mais tenra idade, sempre ouvimos falar desse quatro lugares. O Céu, seria onde nós iríamos após a nossa morte física se fosse- mos bonzinhos, e ao Inferno onde iríamos arder eternamente no fogo, no caso de sermos maus.

Tudo isso, após a nossa juventude, na qual ainda acreditávamos em tudo ou se tivéssemos um pendor religioso, veio por água abaixo. Essas crenças foram então divulgadas por sacerdotes da antiguidade e confirmadas pelos Papas de várias épocas, mas, também por outras religiões e credos.

Com a compreensão adulta e os estados da realidade apresentados, ficamos sabendo da grandeza “Divina” da criação do Universo, como uma coisa fantástica e de uma precisão matemática infinita e após isso não duvidamos da existência de Deus.

Essa crença infantil que perdura em anos e anos na fé religiosa, com o avanço tecnológico muita coisa ficou impossível a sua aceitação, ou seja: O Céu nada mais é do que a visão da Terra ao espaço interestelar, que praticamente vai até o infinito incomensurável.

O Inferno era uma visão dos vulcões, que ardiam e jorravam as lavas para cima. O Purgatório, foi criado no século 12, por um Papa que precisando dar acolhida a uma reivindicação de uma família real, na qual o rei ao falecer iria para o inferno, porque na sua vida antes de ser rei havia matado uma pessoa e não poderia haver misericórdia em seu favor, o Papa então criou o purgatório para que as almas lá ficassem purgando os seus pecados para depois irem para o Céu.

O Limbo, seria o lugar para as criancinhas

que ao morrer sem serem batizadas iriam para lá, porque não poderia entrar no Céu.

Agora temos quase certeza onde iríamos purgar os nossos pecados, aqui mesmo na Terra, até o dia fatal ou final de cada ser, e por ordem da Divina Providência, na maravilhosa interpretação de João de Deus, grande poeta da língua portuguesa:

– Aqui jaz pó; eu não; eu sou quem fui, raio animado dessa luz celeste, à qual a morte às almas restitui, restituindo à terra o pó que as veste!

Adriano Augusto da Costa Filho, Céu, purgatório, limbo e inferno; de “Nunca mais... Nunca mais...”

A A R T E D E S E R R A V Ó Rachel de Queiroz, Elenco de Cronistas Modernos, 19ª Edição, 2003: Editora José Olympio Ltda.

Netos são como heranças: você os ganha sem merecer. Sem ter feito nada para isso, de repente lhe caem do céu. É, como dizem os ingleses, um ato de Deus. Sem se passarem as penas do amor, sem os compromissos do matrimônio, sem as dores da maternidade. E não se trata de um filho apenas suposto, como o filho adotado: o neto é realmente o sangue do seu sangue, filho de filho, mais filho que o filho mesmo...

Quarenta anos, quarenta e cinco... Você sente, obscuramente, nos seus ossos, que o tempo passou mais depressa do que esperava. Não lhe incomoda envelhecer, é claro. A velhice tem as suas alegrias, as suas compensações – todos dizem isso embora você, pessoalmente, ainda não as tenha descoberto – mas acredita.

Todavia, também obscuramente, também sentida nos seus ossos, às vezes lhe dá aquela nostalgia da mocidade. Não de amores nem de paixões: a doçura da meia-idade não lhe exige essas efervescências. A saudade é de alguma coisa que você tinha e lhe fugiu sutilmente junto com a mocidade. Brancos de criança no seu pescoço. Choro de criança. O tumulto da presença infantil ao seu redor. Meu Deus, para onde foram as suas crianças? Naqueles adultos cheios de problemas que hoje são os filhos, que têm sogro e sogra, cônjuge, emprego, apartamento a prestações, você não encontra de modo nenhum as suas crianças perdidas. São homens e mulheres – não são mais aqueles que você recorda.

imposta nenhuma das agonias da gestação ou do parto, o doutor lhe põe nos braços um menino. Completamente grátis – nisso é que está a maravilha. Sem dores, sem choro, aquela criancinha da sua raça, da qual você morria de saudades, símbolo ou penhor da mocidade perdida. Pois aquela criancinha, longe de ser um estranho, é um menino seu que lhe é “devolvido”. E o espantoso é que todos lhe reconhecem o seu direito de o amar com extravagância, ao contrário, causaria escândalo e decepção se você não o acolhesse imediatamente com todo aquele amor recalçado que há anos se acumulava, desdenhado, no seu coração.

Sim, tenho certeza de que a vida nos dá os netos para nos compensar de todas as mutilações trazidas pela velhice. São amores novos, profundos e felizes que vêm ocupar aquele lugar vazio, nostálgico, deixado pelos arroubos juvenis. Aliás, desconfio muito de que netos são melhores que namorados, pois que as violências da mocidade produzem mais lágrimas do que enlevos. Se o Doutor Fausto fosse avô, trocaria calmamente dez Margaridas por um neto...

No entanto – no entanto! nem tudo são flores no caminho da avó. Há, acima de tudo, o entrave maior, a grande rival: a mãe. Não importa que ela, em si, seja sua filha. Não deixa por isso de ser a mãe do garoto. Não importa que ela, hipocritamente, ensine o menino a lhe dar beijos e a lhe chamar de “vovozinha”, e lhe conte que de noite, às vezes, ele de repente acorda e pergunta por você. São lisonjas, nada

mais. No fundo, ela é rival mesmo. Rigorosamente, nas suas posições respectivas, a mãe e a avó representam, em relação ao neto, papéis muito semelhantes ao da esposa e da amante dos triângulos conjugais. A mãe tem todas as vantagens da domesticidade e da presença constante. Dorme com ele, dá-lhe de comer, dá-lhe banho, veste-o. Embala-o de noite. Contra si tem a fadiga da rotina, a obrigação de educar e o ônus de castigar.

Já a avó não tem direitos legais, mas oferece a sedução do romance e do imprevisto. Mora em outra casa. Traz presente. Faz coisas não programadas. Leva a passear, “*não ralhe nunca*”. Deixa lambuzar de pirulitos. Não tem a menor pretensão pedagógica. É a confidente das horas de ressentimento, o último recurso nos momentos de opressão, a secreta aliada nas crises de rebeldia. Uma noite passada em sua casa é uma deliciosa fuga à rotina, tem todos os encantos de uma aventura. Lá não há linha divisória entre o proibido e o permitido, antes uma maravilhosa subversão da disciplina. Dormir sem lavar as mãos, recusar a sopa e comer croquetes, tomar café – café! –, mexer no armário da louça, fazer trem com as cadeiras da sala, destruir revistas, derramar a água do gato, acender e apagar a luz elétrica mil vezes se quiser – e até fingir que está discando o telefone. Riscar a parede com o lápis dizendo que foi sem querer – e ser acreditado! Fazer má-criação aos gritos e, em vez de apanhar, ir para os braços da avó, e de lá escutar os debates sobre os perigos e os erros da educação moderna...

Sabe-se que, no reino dos céus, o cristão defunto desfruta os mais requintados prazeres da alma. Porém esses prazeres não estarão muito acima da alegria de sair de mãos dadas com seu neto, numa manhã de sol. E olhe que aqui abaixo você ainda tem o direito de sentir orgulho, que aos bem-aventurados será defeso. Meu Deus, o olhar das outras avós, com os seus filhotes magricelas ou obesos, a morrerem de inveja do seu maravilhoso neto!

E quando você vai embalar o menino e ele, tonto de sono, abre um olho, lhe reconhece, sorri e diz: “Vó!”, seu coração estala de felicidade, como pão ao forno.

E o misterioso entendimento que há entre avó e neto, na hora em que a mãe o castiga, e ele olha para você, sabendo que se você não ousa intervir abertamente, pelo menos lhe dá sua incondicional cumplicidade...

Até as coisas negativas se viram em alegrias quando se intrometem entre avó e neto: o bibelô de estimação que se quebrou porque o menininho – involuntariamente! – bateu com a bola nele. Está quebrado e remendado, mas enriquecido com preciosas recordações: os cacos na mãozinha, os olhos arregalados, o beijo pronto para o choro; e depois o sorriso malandro e aliviado porque “ninguém” se zangou, o culpado foi a bola mesma, não foi, Vó? Era um simples boneco que custou caro. Hoje é relíquia: não tem dinheiro que pague...

E então, um belo dia, sem que lhe fosse

♥...♥...♥